

**Antropofagia no Sítio do Picapau Amarelo:
devoração à Oswald de Andrade na obra lobatiana**

Giselly dos Santos Peregrino¹

RESUMO: A devoração proposta no *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade pode ser pensada na obra de Monteiro Lobato. Em *O Picapau Amarelo*, a antropofagia ocorre, uma vez que os personagens do Sítio recebem os do Mundo-da-Fábula. Os adultos do Sítio creem que a mistura dos dois mundos poderia ser evitada com a existência de uma simples cerca separando as terras. Porém, as crianças trazem o Mundo-da-Fábula para o Sítio e todos começam a mesclar-se, interagir, dialogar. O diálogo entre culturas é necessário.

ABSTRACT: The devouring act proposed in the *Manifesto Antropófago*, by Oswald de Andrade, could be thought over Monteiro Lobato's books. In the tales of *O Picapau Amarelo* there is the so-called cultural anthropophagy. This occurs since characters living in the small farm take in characters of the Fable's World as guests. Adults in the farm believe that the mixture of the two worlds could be avoided with the existence of a simple fence separating the lands. However, children bring the Fable's World for their place, and all begin to blend, interact, dialogue. The dialogue between cultures is needed.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato; Oswald de Andrade; Antropofagia; Sítio do Picapau Amarelo.

KEYWORDS: Monteiro Lobato; Oswald de Andrade; Cannibalism; Sítio do Picapau Amarelo.

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

(Oswald de Andrade)

O Sítio foi um altar de rituais de antropofagia, na acepção oswaldiana do termo, já muito antes de as nossas vanguardas organizarem a ideia em manifesto.

(Thatty de Aguiar Castello Branco)

¹ Mestre em Letras pela PUC-Rio. Contato: gisellyperegrino@globocom

Na década de 20 do século passado, tornou-se frequente o uso do termo “antropofagia” no Modernismo brasileiro. Em 1928, Oswald de Andrade (1890-1954) lançou o *Manifesto Antropófago*. O escopo parece ser, exclusivamente, a figura do índio antropófago, o que conduz às bastante conhecidas comparações com o índio pintado pelo Romantismo. Na visão romântica, o índio era visto como o bom selvagem, sob olhos rousseauianos. Já na modernista de Oswald, é comum dirigir-se a ele como o “mau selvagem”, devorador, canibal, descrito por Montaigne no capítulo XXXI, intitulado “Dos canibais”, de *Ensaaios*, como é possível observar, na ótica de Haroldo de Campos:

O “índio” oswaldiano não era o “bom selvagem” de Rousseau, acalentado pelo Romantismo e, entre nós, “ninado pela suave contrafação de Alencar e Gonçalves Dias”. Tratava-se de um *indianismo às avessas*, inspirado no selvagem brasileiro de Montaigne (*Des cannibales*), de um “mau selvagem”, portanto, a exercer sua crítica (devoração) desabusada contra as imposturas do civilizado. (CAMPOS, 2003, p. 59-60)

No *Manifesto Antropófago*, isso é evidente quando se martela: “Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Où Villegaignon print terre*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos” (ANDRADE, 1990, p. 48). Oswald menciona Montaigne e Rousseau em uma clara referência às diferentes formas de lidar com o índio, ora visto como mau, ora como bom selvagem.

O antropófago, para o modernista, é algo que vai muito além do mero índio devorador. De acordo com Heloisa Toller Gomes, “o grande achado de Oswald de Andrade foi fazer da noção da antropofagia – em vários de seus aspectos conhecidos ou presumíveis: místico-rituais, punitivos, metafísicos, vingativos, nutrientes – a metáfora central a partir da qual entender o Brasil” (GOMES, 2005, p. 47). Oswald não fica a pensar na figura do índio exclusivamente. Ele o toma como meio para refletir sobre a sociedade brasileira. Seu *Manifesto Antropófago*

questiona o que aqui foi implantado pelo colonizador, avalia as consequências dos padrões repressivos no Brasil e, ainda, ridiculariza a cópia impensada de modelos estrangeiros. Tal cópia, acrítica, seria a “má antropofagia”, enquanto “a ‘boa antropofagia’, saudável e verdadeira, exhibe como solução para os impasses culturais brasileiros o devoramento, a deglutição e a digestão de nosso legado cultural europeu (visto como inescapável), no solo pujante do que Oswald chamou ‘o Matriarcado de Pindorama’ e no qual preside, alegremente, a ‘lei da antropofagia’” (GOMES, p. 48). Ou seja, o modernista compreende a antropofagia como sendo uma saída possível aos problemas culturais do Brasil.

Para Oswald de Andrade, além de *metáfora* daquilo que o brasileiro deveria recusar, absorver e superar em prol de uma independência cultural, antropofagia é *diagnóstico* de uma civilização reprimida por um colonizador violento e *terapêutica*, por ser um modo de reagir contra tal violência. Uma vez que é inviável eliminar tudo o que formou o Brasil, a solução, para o modernista, seria a devoração.

O projeto modernista visava reler o processo de formação do povo brasileiro, fazendo uma segunda colonização, pautada na livre vontade dos agentes sociais, e não mais por imposição do colonizador português. Contrariamente à visão romântica, cuja direção era de dentro para fora – exteriorizando o interno –, a modernista lançava luz em outro movimento: interiorizar o exterior. Segundo Roberto Correa dos Santos, “o exterior, pensando-se exclusivamente em termos de formação cultural, diz respeito ao estrangeiro, às forças do Ocidente, ao progresso, à produção europeia, à atualização, à modernidade das novas conquistas” (SANTOS, 1999, p. 65).

É possível encontrar em *O Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato (1882-1948), solo propício à reflexão acerca da antropofagia oswaldiana, compreendida na seguinte direção: interiorizar o exterior. Embora os dois escritores não tenham convivido como amigos, há, na obra de ambos, questões que dizem respeito ao modo de lidar com a nacionalidade. Lobato, antes da Semana de Arte Moderna, já

desenvolvia uma literatura visando à modernização do campo cultural brasileiro. Muito é dito contra ele; porém, o que mais incomoda aqueles que o estudam é, certamente, a ideia de que ele foi um antimodernista. Isso só é aceitável se for afirmado que ele não participou, ativamente, do evento no Teatro Municipal de São Paulo, o que é verdade. Em 1922, Lobato está às voltas com sua editora, publicando fervorosamente, e isso por si só já o afasta de outras preocupações; no entanto, é inaceitável vê-lo como antimodernista sendo sua obra compreendida como preparadora do Modernismo, o que é ratificado por Vasda Bonafini Landers:

Como o pré-modernismo se caracterizava pelo regionalismo, ele não tem sido visto como possível período preparatório à renovação, quando sabemos hoje que o Modernismo já vinha evoluindo muito antes da Semana. [...] Escrever “na variante brasileira” não foi fenômeno estabelecido por Mário de Andrade. [...] Também não se deve ao autor de Macunaíma a introdução do folclore brasileiro como tantos insistem: “[...] Lobato foi quem primeiro teve a ideia de fixar, numa obra de arte, a figura imaginária do Saci (outro mito literário do Modernismo).” Em 1925, por incrível que possa parecer, Mário de Andrade e Graça Aranha ainda disputavam em briga acirrada quem primeiro teria dito: “É só sendo brasileiros que nos universalizaremos”, quando esta já tinha sido a tese nacionalista de Monteiro Lobato [...] em Ideias de Jeca Tatu [...]. (LANDERS, 1988, p. 33-34)

A pesquisadora, claramente, defende o lugar de Lobato no Modernismo brasileiro. Para ela, foi ele quem inaugurou as reflexões que muitos associam a Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Não é intenção do presente trabalho discutir esse tipo argumento, uma vez que aqui se abordam questões de outra natureza. No entanto, é impossível não mencionar a problemática que cerca a imagem de Lobato.

A famosa polêmica em torno do artigo “Paranóia ou mistificação? (a propósito da exposição Malfatti)” acerca da mostra dos trabalhos de Anita Malfatti custou ao escritor taubateano a pecha de reacionário e passadista. O texto lobatiano, todavia, apresenta elogios à artista, atacando, na verdade, a pintura modernista em si. É curioso que uma das vozes que saíram, posteriormente, em defesa de Lobato foi a de

Oswald de Andrade, que assim escreveu a propósito do 25º aniversário do lançamento de *Urupês*:

[...] Hoje [...] é você [Lobato] quem reclama sua parte gloriosa na recuperação da nacionalidade que alguns daqueles moços iam tentar arduamente [...]. Os fatos provam que o verdadeiro Marco Zero de Oswald de Andrade é esse livro [...]. De fato, Urupês é anterior ao Pau-Brasil e à obra de Gilberto Freyre. [...] Sua atitude aparece sob o ângulo legitimista da defesa da nacionalidade. Se Anita e nós tínhamos razão, sua luta significava a repulsa ao estrangeirismo afobado [...], às decadências lustrais da Europa podre, ao esnobismo social que abria os seus salões à Semana. (ANDRADE apud NUNES, 1998, p. 278)

De acordo com Cassiano Nunes, o advento do Modernismo não surpreende Lobato, pois já estava no ar o “presságio de que algo de novo e forte viria” (ANDRADE apud NUNES, p. 287). O que o criador do Sítio do Picapau Amarelo critica no movimento não é sua força de “novidade”, mas algumas de suas características, como a adoção de estilos artificiais os quais funcionavam como “moldes hostis à inspiração espontânea” (ANDRADE apud NUNES, p. 305) e a valorização do estrangeirismo. Mesmo antes de *Ideias de Jeca Tatu*, Lobato advertia, no epílogo de *O Saci-Pererê* (1917), a importância da busca de nossa identidade nacional, o que apenas poderia ocorrer com base “nos dados de nossa própria realidade, nas vivências de nosso dia-a-dia” (ANDRADE apud NUNES, p. 289). O escritor passa a redimir a figura do Jeca Tatu, após tê-la acusado de forma dura por alguns dos males do Brasil. Paradoxalmente, é o primitivismo do Jeca que o coloca como símbolo de resistência a uma civilização impregnada de vícios e desonestidades e à imposição de valores estrangeiros:

Não há mais ilusões. Não seremos nunca um “original”, mas uma má “cópia”. O partido do plágio erigido em sistema de governo e educação vencerá em toda a linha [...]. Continua o teu rechaçamento sistemático porque tu, Jeca, tens a suprema coragem de não ser grotesco por figurinos franceses.

(LOBATO apud NUNES, p. 292)

É possível notar que os estudiosos da obra lobatiana reclamam o lugar de Monteiro Lobato não só no Modernismo, mas na Literatura brasileira, lugar que é negado ou esquecido devido a conflitos e

incompreensões entre os contemporâneos do autor. Todavia, não há como separar Lobato dos modernistas, visto que se encontram na obra dele ideias apresentadas e desenvolvidas pelos que atuaram diretamente na Semana de Arte Moderna. O que o escritor critica, na verdade, não é a abertura ao estrangeiro, mas aquilo que se entende por cópia impensada, ou seja, a má antropofagia.

A obra lobatiana é vasta: publicou mais de vinte livros para crianças e outros mais para adultos. Dos dedicados, a princípio, ao leitor mirim, *O Picapau Amarelo* é aquele que destaca já no título o lugar onde as histórias sempre ocorrem: o famoso Sítio habitado por personagens bastante conhecidos na literatura infantil brasileira: Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa, Quindim, Rabicó, Conselheiro, tia Nastácia e Dona Benta. Nessa obra, os personagens de Lobato lidam com personagens que vêm de outras literaturas, outras mitologias, outras culturas. Segundo Marisa Lajolo:

Ao mesmo tempo que profundamente enraizada na realidade cultural brasileira, a obra infantil de Monteiro Lobato transcende os limites do ruralismo, transfigurando o sítio – metáfora do Brasil? – em território livre, onde tudo é permitido.

Lá nas terras de Dona Benta, o Brasil arcaico de Tia Nastácia, de Tio Barnabé e do coronel Teodorico fundem-se com o Brasil moderno que encontra petróleo, fala ao telefone e viaja à Lua. No mesmo compasso, o sítio acolhe antropofagicamente personagens das tradições mais diversas, como heróis gregos, o Pequeno Polegar, Popeye e D. Quixote. (LAJOLO, 2000, p. 62)

No primeiro capítulo de *O Picapau Amarelo*, Dona Benta recebe uma carta do Polegar Vermelho, o qual revela sentir saudades do Sítio e pede para mudar-se para lá com todo o Mundo-da-Fábula. A senhora fica a pensar de que modo o Sítio irá comportá-lo, e Pedrinho, seu neto, propõe-lhe comprar as fazendas vizinhas e deixá-las para os que estão por vir. Estes teriam de aceitar a condição de não invadirem as terras do Sítio – a fim de se evitassem grandes confusões. Seria feita uma cerca de arame com porteira de cadeado, cuja chave ficaria com o Visconde de Sabugosa. A porteira somente seria aberta quando conviesse aos habitantes do sítio de Dona Benta. Ou seja, de início, acredita-se que os mundos não iriam misturar-se pelo simples fato de

existir algo separando ambos, o que, como será visto, não ocorre. A fusão do Sítio com o Mundo-da-Fábula é inevitável, uma vez que as crianças – agentes em potencial na obra infantil lobatiana – trazem personagens de espaços e tempos diversos ao Picapau Amarelo. Os pequenos assumem a postura do antropófago oswaldiano sem qualquer hesitação, enquanto os adultos, a princípio, procuram regular entrada e saída, interiorização e exteriorização.

No quarto capítulo, inicia-se a mudança do Mundo-da-Fábula para as proximidades do Picapau Amarelo. E as condições para tal, repete-se, são claras:

Que viessem todos – todos, todos, até Barba Azul – mas com a condição de não invadirem o sítio, de não pularem a cerca. Eles ficavam para lá da cerca e ela [Dona Benta] e os netos ficavam para cá da cerca, nas velhas terras do sítio. Quando algum quisesse visitá-los, tinha de tocar a campainha da porteira e esperar que o Visconde abrisse. Proibido pular. Quem o fizesse, correria o risco de espetar-se no pontudo chifre de Quindim – o guarda. (LOBATO, 1958, p. 18)

Uma vez aceitas as condições, encaminham-se todos para as terras vizinhas ao Sítio. Interessante é que personagens de diferentes épocas e lugares encontram-se lado a lado, o que relativiza a noção de tempo e espaço, outro traço marcante da obra infantil de Lobato.

O Pequeno Polegar veio puxando a fila. Logo depois, Branca-de-Neve com os sete anões. E as Princesas Rosa Branca e Rosa Vermelha. E o Príncipe Codadade, com Aladino, a Xarazada, os gênios e o pessoal todo das “Mil-e-Uma-Noites.” E veio a Menina da Capinha Vermelha. E veio a Gata Borracheira. E vieram Peter Pan com os Meninos Perdidos da “Terra-do-Nunca”, mais o Capitão Gancho com o crocodilo atrás e todos os piratas; e a famosa Alice do “País-das-Maravilhas”; e o Senhor de La Fontaine em companhia de Esopo, acompanhados de todas as suas fábulas; e Barba Azul com o facão de matar mulher; e o Barão de Munchausen com as suas famosas espingardas de pederneira; e os personagens todos dos contos de Andersen e Grimm. Também veio D. Quixote acompanhado de Rocinante e do gordo escudeiro Sancho Pança. (LOBATO, p. 19)

Curioso é que os personagens do Mundo-da-Fábula não chegavam ao Sítio para um mero passeio, mas para ficar definitivamente, o que marcará profundamente a identidade dos “vizinhos”. Traziam consigo suas bagagens, com armas, castelos, mares

e tudo aquilo que lhes pertencia, para morar ao lado do Picapau Amarelo. Explica o Pequeno Polegar que todos eles sonhavam morar, tranquilos, em uma terra que fosse somente deles: “Uns moravam em livros, outros na cabeça das crianças. Agora vão ser donos de um território próprio, só deles. Vão sossegar, os coitados” (idem *ibid*). Não apenas os personagens supramencionados vão habitar ali; uma grande e agradável surpresa é a chegada de seres da mitologia grega, os quais as crianças conheciam das histórias que Dona Benta contava:

A Medusa, com aqueles cabelos de cobra – cada fio uma cobra, e atrás dela o valente Perseu que lhe cortou a cabeça. O Rei Midas, que só cuidava de amontoar ouro e acabou se enjoando. Os centauros, meio homens meio cavalos; e os faunos de chifrinhos; e os sátiros de pés de bode; e as sereias; e as ninfas; e as náiades, que eram as ninfas das águas. (LOBATO, p. 22)

Entre outros, Belerofonte, seu Pégaso e Quimera também chegam às terras vizinhas ao Picapau Amarelo. Aquele, inclusive, conta aos pequenos sua história, conduzindo-os aos tempos heroicos da Grécia, quando, em ato de coragem e glória, vence a Quimera, temida por todos. Sobre esta, é válido dizer ainda que, em *O Picapau Amarelo*, encontra-se velha e caduca, sem conseguir sequer expelir fogo pelas três cabeças, como lhe era corriqueiro outrora. Isso prova que, na obra lobatiana, os personagens do Mundo-da-Fábula são humanizados, embora não cheguem a conhecer a morte, por serem imortais, o que, inclusive, é questionado em certo momento da história e é explicado como aquilo que faz daquele mundo um mundo maravilhoso. O contato entre os habitantes do Sítio e os novos “vizinhos” vai, aos poucos, crescendo, até que se torna impossível a separação.

Muda-se o aspecto daquelas terras vizinhas ao Sítio, “onde só havia saúva e sapé, começaram a transformar-se como por encanto” (LOBATO p. 22-23). Ou seja, o espaço começa a alterar-se simplesmente pela chegada dos novos habitantes, o que significa que nada permaneceu: o que era não é mais, é outra coisa.

Os primeiros a romper o “trato” de não entrar nas terras do Picapau Amarelo são D. Quixote e Sancho, personagens da literatura

espanhola. Aquele, ao saber que sua história é contada por Miguel de Cervantes e observar seu desenho no livro que lhe é mostrado, acha aquilo tudo bastante falso, pois não está conforme ele é; isso é um ponto importante nesta obra lobatiana: o questionamento da ficção é feito inúmeras vezes, seja pelos personagens do Mundo-da-Fábula, seja pelos do Sítio. Segundo Edgar Cavalheiro

A verdade é que apesar de criticar, pela boca da criançada, tanto a “heróis” como a certas “maravilhas” da civilização (sobretudo os filósofos pedantes e obscuros, os retóricos empolados e vazios, os gramáticos difíceis e complicados), as obras de Monteiro Lobato não visam destruir. Representam críticas, sem dúvida, mas no bom sentido. Lendo-lhes os livros, as crianças aprendem neles a ver o mundo sem os preconceitos de um falso patriotismo, de uma falsa cultura, de uma falsa moral, de tantas coisas idiotas que vieram formando gerações e gerações de brasileiros. (CAVALHEIRO, 1955, p. 583)

Alegando não ter onde ficar, por não ter trazido consigo uma casa, D. Quixote diz, por intermédio de Sancho, à Dona Benta “que lhe seria de agrado um pouso na casinha tão simpática que se ergue além da Cerca” (LOBATO, p. 28). A boa senhora permite a estada dos amigos, para felicidade das crianças. Emília, a boneca que virou gente por “evolução gental”, como costuma explicar, demonstra ser verdadeira fã do cavaleiro da triste figura: “Acho D. Quixote o suco dos sucos. A loucura chegou ali e parou. Adoro os loucos. São as únicas gentes interessantes que há no mundo.” (LOBATO, p. 26) Emília e as demais crianças, como já foi dito, aceitam, sem perceber, a mistura com os novos moradores. Apesar de entrarem no universo infantil com facilidade, Dona Benta e tia Nastácia incomodam-se um pouco com a fusão dos mundos:

— A combinação que eu fiz foi que “eles” ficavam para lá da Cerca e nós para cá; mas um a um os meninos vão trazendo para aqui todos os personagens maravilhosos. Nesse andar, passam-se todos para cá e eu tenho de mudar o sítio para lá...

— Isso mesmo, concordou a preta. Já estão aqui, de cama e mesa, o Senhor D. Quixote, aquele herói não sei que, o horrível bicho de três cabeças, o tal cavalo de asas, o Seu Sancho, que é um segundo Rabicó, Sinhá – como come, o diabo! Não há o que encha aquela pança... E há ainda o Gancho e o coitadinho do Polegar. Agora a sereia... (LOBATO, p. 111)

A postura antropofágica, apesar de existente no final em todos os personagens do Picapau Amarelo, é mais natural nas crianças. São elas, aliás, que, em outros livros de Lobato, aceitam, com naturalidade, as grandes mudanças, o que não quer dizer que sejam passivas, mas abertas ao desconhecido e aptas a apreender o novo.

Personagens de diferentes épocas e lugares misturam-se no além-cerca: D. Quixote aparece ao lado, por exemplo, de Belerofonte, Branca-de-Neve, Peter Pan, entre outros. As crianças do Sítio, incluindo o Visconde, passeiam livremente pelas terras vizinhas e interagem com seus habitantes todo o tempo. O casamento de Branca-de-Neve, personagem da tradição europeia, com o Príncipe Codacidade, das lendas árabes, é o maior exemplo disso tudo. Na comemoração do matrimônio, surgem personagens de histórias diferentes, em um verdadeiro banquete de culturas:

No dia da festa, desde cedinho, começaram a chegar carruagens e mais carruagens. Rosa Branca e Rosa Vermelha vieram ao mesmo tempo, apesar de estarem brigadas. Aladino apareceu com a lâmpada a tiracolo. Os heróis gregos surgiram num grupo – Aquiles, vestido de guerreiro, com o famoso escudo ao ombro; Jasão, o chefe dos Argonautas; Midas, o rei da Frigia; Perseu, o herói que deceitou a cabeça de Medusa...

E vieram as semideusas gregas, cada qual mais resplendente de formosura: as doze Musas; as Três Graças; Filomela, a deusinha dos rouxinóis; Pomona, a ninfa que presidia aos jardins e pomares; Pirene...

[...]

E veio Psique, a belíssima criatura que conquistou o coração de Cupido moço; e veio a boa Penélope, que fiava uma teia sem fim...

E veio até a Fênix – a ave que renasce das próprias cinzas. [...]

E depois dos gregos vieram personagens de outras mitologias, como o Príncipe Mitra, da Pérsia, a personificação do Sol; e Niord, uma espécie de Netuno da Escandinávia; e a famosa Tisbe, da Babilônia, que causou sem querer a morte do seu amado Píramo.

[...]

Depois de Tisbe chegou uma encantadora dançarina hindu – Sundartará, trazendo consigo uma gaiolinha dourada. Emília quis saber o que havia lá dentro. Era um camundongo! A formosa dançarina do deus Xiva nunca largava esse camundongo [...] (LOBATO, pp. 171-173).

Os personagens lobatianos mostram-se abertos àqueles que vêm de fora e não têm qualquer receio de misturarem-se com eles. Isso, além de evidenciar a abertura das crianças e dos demais habitantes do Sítio ao novo, destaca o que Silviano Santiago chama de interiorização do exterior:

[...] a cultura brasileira não reside na exteriorização (dramática ou poética) dos valores autóctones da nossa nacionalidade. Essa exteriorização do nosso interior (o nativismo) nada mais é do que a farsa ridícula do paraíso tropical, montada para conseguir simpatia e dinheiro dos maus viajantes europeus (os turistas). Para o Brasil poder se exteriorizar com dignidade é preciso que acate antes o exterior em toda a sua concretude. A consciência nacional estará, menos no conhecimento do seu interior, e mais no complexo processo de interiorização do que lhe é exterior, isto é, do que lhe é estrangeiro. (SANTIAGO, 1991, pp. 68-69)

Lobato, em *O Pica-pau Amarelo*, mostra seu projeto de nacionalidade. Para Landers, o “Sítio é também o Brasil característico com a sua comida, o seu folclore, a sua história e sobretudo a sua língua coloquial e oral” (LANDERS, 1988, p. 28). Por isso, podemos aceitar a ideia de que Lobato lança no Sítio um Brasil por que lutou enquanto viveu:

O sítio é uma espécie de paraíso, mas um paraíso muito especial: em primeiro lugar, porque, se tem uma proprietária, não existe um dono, nem se verifica o exercício do poder autoritário. Não há dominadores, o que se encontra até no Jardim do Éden. Ali podem aparecer vilões, mas eles jamais levam a melhor, e isso é outro ponto a favor do sítio, se comparado com outros espaços ideais, imaginados pela raça humana. Por último, mas não menos importante: o sítio é brasileiro, como se fosse uma representação idealizada de nossa pátria. Em outras palavras, é o Brasil conforme o desejo de Lobato, um Brasil sonhado, mas sempre um Brasil. (ZILBERMAN, 2005, pp. 29-30)

Não se trata de um país idealizado, romanticamente falando, mas de um Brasil não visto pelos olhos do início do século XX. Enquanto ares românticos sopraram os estrangeiros para longe no século XIX, acreditando que assim chegariam ao genuinamente brasileiro – o índio como herói nacional, como sói dizer –, Monteiro Lobato e Oswald de Andrade, ainda que não de modo idêntico ou em parceria, sugavam para cá o elemento “estrangeiro” para captarem o nacional. Segundo

Santos, “a nacionalidade brasileira poderia, com tal operação antropofágica, aí sim, tornar-se forte e autêntica” (SANTOS, 1999, p. 65). Não se considera exterior somente a cultura europeia, mas a negra, a indígena, entre outras. Na obra de Lobato, tia Nastácia, negra, por exemplo, tem sabedoria peculiar e interfere no desenrolar dos acontecimentos apontando soluções simples a problemas os quais, aos olhos dos demais, parecia serem complexos:

— Tão simples, Sinhá! Pois basta que Seu Pedrinho convide o tal Gancho para um café com mistura. Juro que ele vem ventando.

Todos admiraram-se da simplicidade da ideia, que parecia um ovo de Colombo. (LOBATO, 1958, p. 82)

Ao fim de *O Pica-pau Amarelo*, Nastácia é raptada pelo Minotauro, o que denuncia o sequestro do saber popular brasileiro pela e para a cultura grega. Tal episódio funciona como gancho para outro livro de Lobato: *O Minotauro*. Como se percebe, o escritor taubateano não era um antimodernista no sentido de combater, de todas as formas possíveis, o que vem de fora. Lobato, conscientemente, devorou, à moda de Oswald de Andrade, culturas, literaturas, lendas, etc. para produzir a sua arte e a sua visão de mundo.

Ana Maria Machado conclui aquilo que se procurou pensar neste trabalho:

Como fino exemplo da antropofagia cultural que os modernistas da Semana de 1922 pregavam e ele conscientemente combateu, o criador do Sítio do Pica-pau Amarelo nunca hesitou em traçar e deglutir tudo o que lhe ocorresse, originário das criações alheias, para alimentar a sua própria, viesse de onde viesse. Com a maior sem-cerimônia, por exemplo, pegou o pó-das-fadas que James M. Barrie inventou para fazer Peter Pan voar, batizou-o com o som da fada Sininho e criou o pó-de-pirlimpimpim, mudando apenas o modo de usar. Aproveitou outro achado genial de Barrie, o “dementirinha”, e desenvolveu o recurso do faz-de-conta para resolver as grandes dificuldades intransponíveis que de vez em quando ameaçassem emperrar a história. Inspirou-se na popularíssima e sem-graça boneca de trapo norte-americana “Raggedy Ann” (por sua vez, provavelmente inspirada no maltrapilho inglês “Raggedy Dick”), e a metamorfoseou por completo na boneca Emília, a mais fascinante personagem da literatura infantil brasileira, com sua irreverência demolidora, sua ética exigente e rigorosa, sua independência indomável. (MACHADO, 2002, p. 127)

Como é perceptível, a devoração proposta por Oswald de Andrade aparece em *O Picapau Amarelo*. Nesta obra, encontra-se um arsenal de elementos de outras culturas em contato com a cultura brasileira. Não é visto o ideal romântico de negação da influência estrangeira e fechamento ao que viesse de fora. Na obra de Lobato em questão, há a antropofagia oswaldiana. Concorde-se, pois, com o que afirma Suely Rolnik:

Estendido para o domínio da subjetividade, o princípio antropofágico poderia ser assim descrito: engolir o outro, sobretudo o outro admirado, de forma que partículas do universo desse outro se misturem às que já povoam a subjetividade do antropófago e, na invisível química dessa mistura, se produza uma verdadeira transmutação. Constituídos por esse princípio, os brasileiros seriam, em última instância, aquilo que os separa incessantemente de si mesmos. Em suma, a antropofagia é todo o contrário de uma imagem identitária.

(ROLNIK, 2000, p. 452-453)

O antropófago oswaldiano está nas crianças, sempre abertas ao que é estrangeiro. Elas não recebiam o que vinha de fora impensadamente; elas queriam conhecer, aprender, saber mais. Nos pequenos, há devoração, já que eles não eram mais os mesmos de antes; algo foi modificado neles. Houve antropofagia no sentido de que Lobato uniu culturas de povos diferentes em um mesmo espaço e tempo, o que significa ser possível apropriar-se do que vem do outro para construir-se. No Sítio, todos têm contato com os habitantes do Mundo-da-Fábula e transformam-se, passam a compreender-se melhor e imaginam, fantasiam, criam mais. Essa leitura – sempre antropofágica – da literatura e da cultura do outro é o que faz Lobato transmitir aos leitores a necessidade de interiorizar-se o exterior para que seja possível a construção de algo próprio. O criador do Sítio do Picapau Amarelo introduz, na literatura infantil, o Modernismo. De acordo com Nelly Novaes Coelho: “foi Monteiro Lobato que, entre nós, abriu caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura adulta (com o Modernismo) atingissem também a infantil” (COELHO, 2000, p. 138). Nesse sentido, o escritor compartilha com as ideias de

Oswald de Andrade, sendo, pois, um modernista sim, ainda que fora, no entanto, da Semana de 1922.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade.)

BRANCO, Thatty de Aguiar Castello. *O maravilhoso e o fantástico na literatura infantil de Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2007. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras.)

CAMPOS, Haroldo de. “Uma poética da radicalidade.” *In*: ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. 2.ed. São Paulo: Globo, 2003, p. 7-72. (Obras completas de Oswald de Andrade.)

CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros, 1955.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

GOMES, Heloisa Toller. “Antropofagia.” *In*: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 35-53.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo e A reforma da natureza*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NUNES, Cassiano. *Novos estudos sobre Monteiro Lobato*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

ROLNIK, Suely. “Esquizoanálise e antropofagia.” *In: ALLIEZ, Eric (org). Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Oswald de Andrade ou: elogio da tolerância étnica*. Belo Horizonte: ABRALIC, 1991. v. 1.

SANTOS, Roberto Correia dos. “O político e o psicológico, estágios da cultura.” *In: Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a história, a vida*. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 61-78.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.